

2

GESTÃO EMPRESARIAL
SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES

O TRABALHO NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

2

SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES O TRABALHO NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL



OBJETIVOS DA UNIDADE DE APRENDIZAGEM

Compreender a evolução e a transformação do conceito de trabalho partir da rememoração do momento histórico que antecedeu e no qual ocorreu a Revolução Industrial.



COMPETÊNCIAS

Explicar o que é e qual a importância de estudar sobre evolução e a transformação do conceito de trabalho.



HABILIDADES

Identificar as tipologias, características e finalidades da Sociologia das Organizações e suas influências na Gestão Empresarial.

APRESENTAÇÃO

Nessa Unidade de Aprendizagem (UA) você revisará o momento histórico que antecedeu e no qual ocorreu a Revolução Industrial para acompanhar a evolução e a transformação do conceito de trabalho. Você verá como o significado de trabalho foi forjado ao longo da História, entendendo sua origem medieval e sua evolução moderna para entender seu significado contemporâneo. Estudará os fatores que determinam o atual formato das atividades profissionais para compreender o trabalho contemporâneo.

PARA COMEÇAR

O trabalho é importante para você?

Provavelmente sim. Mesmo porque está estudando justamente para poder conquistar melhores oportunidades na carreira profissional, não é mesmo?

Mas você sabe dizer por que o trabalho é tão importante assim na contemporaneidade para a maioria das pessoas?

Costuma-se afirmar que o trabalho dignifica o homem. Mas não seria o contrário? Não seria mais coerente: o homem dignifica o trabalho? Desde quando o trabalho se tornou tão importante que passou ele (o trabalho) a elevar a condição de um indivíduo e não o contrário?

Aliás, por que primeiro as obrigações e depois a diversão? Você nunca ouviu essa expressão? Se já ouviu, pergunte a quem lhe disse isso qual é a justificativa para tal ordem?

Outras reflexões: Por que é preferível o negócio ao ócio? Por que o lazer não é mais importante que o trabalho? Por que a vida sofisticada e luxuosa é tão desejada? Por que ter mais do que uma casa, ter mais do que um carro por pessoa, ter mais sapatos do que se pode usar em um mesmo mês?



ATENÇÃO

(grite!!!) SERÁ QUE SEMPRE FOI ASSIM?

Nem sempre foi assim... Houve tempo em que as pessoas podiam equilibrar as atividades profissionais com outras atividades humanas... Houve época em que não se dedicava a maior parte do dia ao trabalho, como se fosse a única coisa a ser feita durante uma vida...

Nesta Unidade de Aprendizagem (UA) você terá a oportunidade de estudar o conceito de trabalho contextualizado no processo de industrialização. Novamente, não será possível esgotar o tema, abordá-lo por completo... Mas algumas importantes informações serão trazidas à tona para contribuir com as reflexões que as perguntas feitas aqui provocaram em você.

Então, vamos nessa!

FUNDAMENTOS

1. A MUDANÇA DO CONCEITO DE TRABALHO

A Revolução Industrial foi resultado de uma série de eventos. Esses eventos acumularam experiências que tornaram possível o processo de expansão da produção fabril, que substituiria as mãos hábeis dos artesãos por equipamentos que acelerariam a fabricação de mercadorias.

Desses eventos, as corporações de ofício, a manufatura e as companhias comerciais foram determinantes para preparar as condições necessárias para o início da industrialização na Europa. Nesse mesmo período, o significado de trabalho também sofreu mudanças radicais, que estudaremos nessa Unidade de Aprendizagem (UA).

2. ORGANIZAÇÕES PRÉ-INDUSTRIAIS

2.1. CORPORAÇÕES DE OFÍCIO

As corporações de ofício, ou guildas, eram associações que juntavam profissionais que exerciam um mesmo ofício e que surgiram na Europa Medieval, a partir do século XII (Figura 1). As guildas protegiam e assistiam seus associados, garantindo que o exercício do ofício seria realizado apenas por aqueles que integravam a corporação, fosse o mestre do ofício, fosse o oficial ou jornaleiro, fosse o aprendiz. As corporações de ofício, além de propiciar aprendizagem e assistência aos associados, também regulavam a oferta de seus produtos, exercendo algum controle sobre o

fluxo de insumos e de mercadorias. Uma guilda famosa, e influente até os dias de hoje, é a corporação de ofício dos pedreiros franceses, denominada maçonaria.

Figura 1. Exemplo de guildas de ferreiros.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:William_Bell_Scott_-_Iron_and_Coal.jpg



A produção controlada pelas guildas era integralmente realizada pelos mestres de ofício. Nessa época, o artesão ou o comerciante era responsável por todo o processo produtivo, atuando desde o preparo para o exercício do ofício até sua conclusão, ao destinar o produto ao consumidor final. Mesmo os oficiais ou jornaleiros, que trabalhavam na oficina de um mestre, cumpriam todas as etapas do processo produtivo. Por exemplo, no ofício de sapateiro, desde a aquisição do couro até a entrega do sapato a quem usaria a mercadoria, todo o processo estava sob a atuação do profissional responsável, fosse o mestre, fosse o oficial.

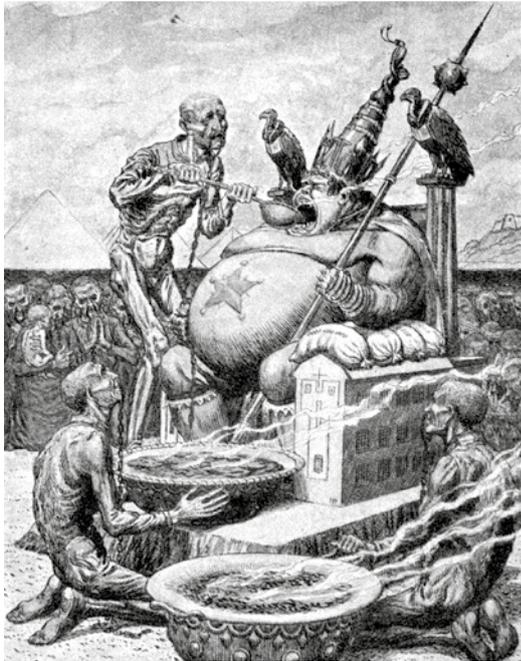
É por essa razão que o conceito de trabalho ainda era muito equivalente ao conceito de ofício. Trabalhar era dominar um ofício, era conceber todas as etapas do processo produtivo para realizar a transformação de insumos, como a matéria-prima madeira, em mercadorias prontas para o consumo, como uma cadeira talhada.

2.2. COMPANHIAS COMERCIAIS

As companhias comerciais são organizações que surgiram a partir do século XVI. É a expressão mais típica do Mercantilismo, sistema econômico predominante na Europa Moderna. As companhias comerciais foram essenciais para o processo de acumulação de riqueza (Figura 2). Esta riqueza acumulada desempenhará papel fundamental na consolidação do sistema capitalista e na viabilização da industrialização das nações europeias. As companhias comerciais eram responsáveis pela exploração

de rotas comerciais internacionais e podiam explorar e administrar colônias, organizando expedições, instalando feitorias e comercializando mercadorias obtidas nesses territórios.

Figura 2. Acumulação de riquezas consolida o sistema capitalista.
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hinko_Smrekar_-_Kralj_Kapital.jpg?fastcc_i_from=4024755



Podemos dividir em dois conjuntos:

- a. Companhias Comerciais organizadas pelo Estado: foram os casos de Portugal, Espanha e França. O esforço estatal em criar as companhias comerciais foi motivado pela perda de poder e de controle sobre as rotas comerciais internacionais. Também pela falta de iniciativa privada, os governos tentaram estimular seus mercadores, mas o êxito destas companhias comerciais foi limitado.
- b. Companhias Comerciais organizadas pela classe mercantil: foram os casos da Inglaterra e da Holanda. A classe mercantil dessas nações tomou a iniciativa de criar sociedades acionárias para explorar rotas comerciais internacionais sob a autorização de seus governos. Essas companhias comerciais foram muito bem-sucedidas, dominando grande parte dessas rotas.

As companhias comerciais enfrentaram desafios que as tradicionais corporações de ofício comercial não tinham enfrentado nas velhas rotas comerciais. E certamente as tradicionais corporações de ofício comercial não tinham condições de enfrentar. Os desafios incluíam problemas de estocagem e distribuição de mercadorias mais perecíveis em viagens marítimas por oceanos e em viagens terrestres por extensões

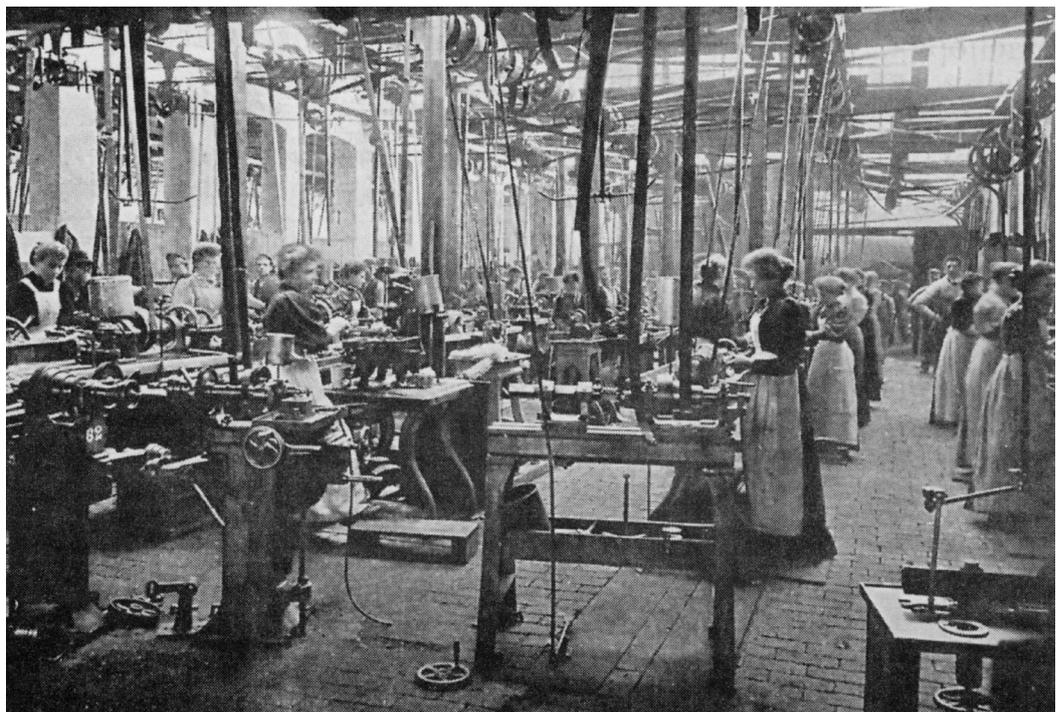
continentais muito maiores. Também incluíam disputas muito mais acirradas, e até violentas, motivadas por conflitos externos entre as diversas companhias comerciais concorrentes da época. Os desafios incluíam conflitos internos, exigindo uma primitiva gestão de pessoas, pois as condições de trabalho eram mais rigorosas e insalubres.

Além do acúmulo de riqueza, as companhias comerciais também contribuiriam com a Revolução Industrial por meio desse aprendizado, pois o processo fabril enfrentaria desafios semelhantes.

2.3. MANUFATURAS

As manufaturas eram organizações urbanas que rivalizavam com as corporações de ofício. Surgiram a partir do século XVI e foram responsáveis pela decadência das guildas. Pode-se afirmar que as manufaturas sucederam as corporações de ofício e antecederam as fábricas (Figura 3). Elas surgiram a partir da iniciativa de mercadores que aproveitavam o período entre safra para compensar a falta de produtos agrícolas com produtos manufaturados. Os camponeses colaboravam, pois podiam aumentar a renda vendendo sua mão de obra enquanto os campos não produziam. Esse negócio evoluiu e os mercadores começaram a montar oficinas urbanas e substituir a mão de obra camponesa, que não garantia padrão nem qualidade para os produtos manufaturados, por artesãos que não possuíam suas próprias oficinas e não integravam nenhuma corporação de ofício.

Figura 3. Exemplo de manufatura.



A maior contribuição das manufaturas foi a divisão do trabalho. Diferente do que ocorria na época das corporações de ofício, o processo produtivo não seria mais realizado integralmente pelo artesão. Nas manufaturas foi introduzido o conceito de parcelamento do processo produtivo, destinando aos artesãos a responsabilidade de executar tarefas específicas e parciais na elaboração de uma mercadoria. Para se adquirir um produto completo nas manufaturas, era necessário que diversos artesãos executassem suas tarefas específicas e parciais sucessiva e sequencialmente, pois cada um fazia parte da mercadoria. Essa divisão poderia acontecer tanto para produtos simples, como a fabricação de sapatos, como para produtos complexos, como a fabricação de carruagens. Fosse com artesãos do mesmo ofício (sapateiros) fosse com artesãos de ofícios distintos (carpinteiros, estofadores, pintores etc para fabricar as carruagens), cada trabalhador executaria uma tarefa simples identificada a partir da divisão da atividade completa da fabricação daquela mercadoria.

O produto não era resultado do trabalho individual, como antes. Era resultado do trabalho coletivo. Portanto, o trabalho não será mais sinônimo de ofício, pois cada trabalhador nas manufaturas executará uma parte do processo produtivo e se especializará na execução dessa atividade parcial. Isso propiciará um aumento na fabricação de mercadorias, pois cada trabalhador, ao executar uma tarefa simples, pela experiência e repetição dessa tarefa, poderá desenvolver técnicas e ferramentas que aumentem sua produção. Aos poucos, essa simplificação das tarefas a serem executadas, possibilitará o aperfeiçoamento da feitura daquela tarefa por um trabalhador, que desenvolverá ferramentas simples e específicas para ampliar sua capacidade produtiva. Essa diversidade de ferramentas simples que surgem no período das manufaturas propiciará as condições materiais para a criação de máquinas.

3. A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

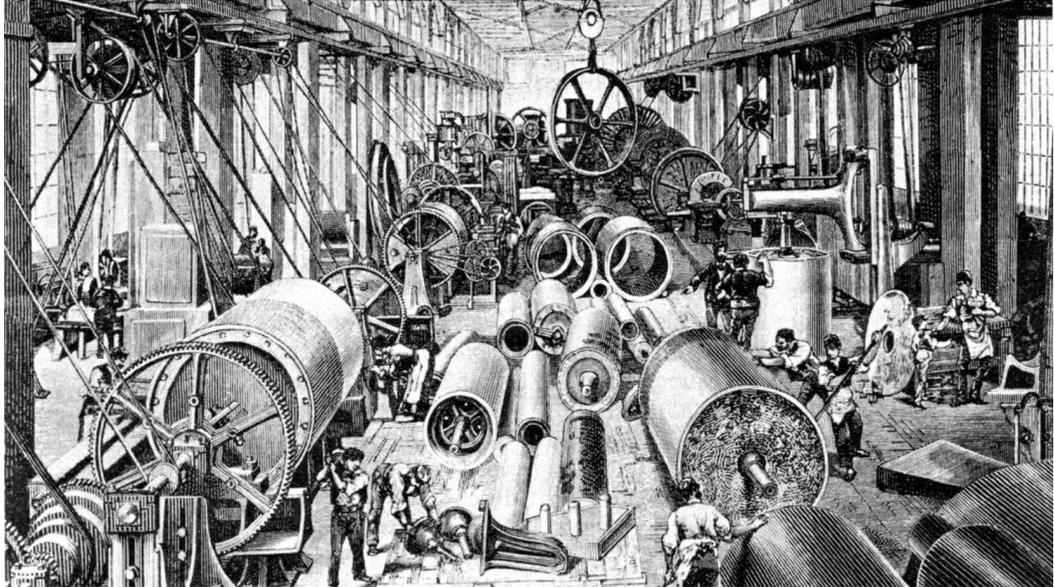
A Revolução Industrial é um processo histórico iniciado na Inglaterra na segunda metade do século XVIII. Na verdade, esse processo ganha força e destaque no final do referido século. Pela importância deste evento, muito provavelmente, você deve se lembrar das aulas de História que estudou sobre a Revolução Industrial.

O processo de industrialização provocou mudanças profundas na humanidade. Acelerou o processo de urbanização e criou novas formas de relacionamento entre os indivíduos e entre os grupos. A própria estrutura de núcleos básicos da sociedade, como a família e a igreja, foi profundamente modificada a partir da Revolução Industrial. E estruturas mais complexas, como a do Estado, também foram afetadas e, portanto, as

relações e interações destes agrupamentos humanos e de seus indivíduos constituintes sofreram mudanças e uma nova realidade social, nunca concebida ou vista antes, foi forjada nos alicerces da Revolução Industrial (Figura 4).

Figura 4. Ilustração da Revolução Industrial.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bild_Maschinenhalle_Escher_Wyss_1875.jpg



De fato, a Revolução Industrial foi um processo histórico de proporções mundiais. Depois da Inglaterra, esse processo se espalhou gradativamente pelo mundo todo. Se pensarmos nos povos do extremo oriente, não notamos, por exemplo, marcas profundas da Revolução Francesa como notamos na História dos povos ocidentais. Agora, a Revolução Industrial foi um processo marcante na História de todas as nações. Mesmo que esse processo tenha ocorrido sem sincronismo, sem paralelismo cronológico, em datas distintas, não há como negar que ele afetou e ainda afeta o mundo todo.

A Revolução Industrial inaugurou uma fase de substituição de sociedades rurais, de economia baseada em produção agropecuária, por sociedades urbanas, de economia baseada em produção fabril. Desloca a população e o poder econômico, que estavam no campo e centrados na produção agropecuária, para as cidades e para as fábricas.

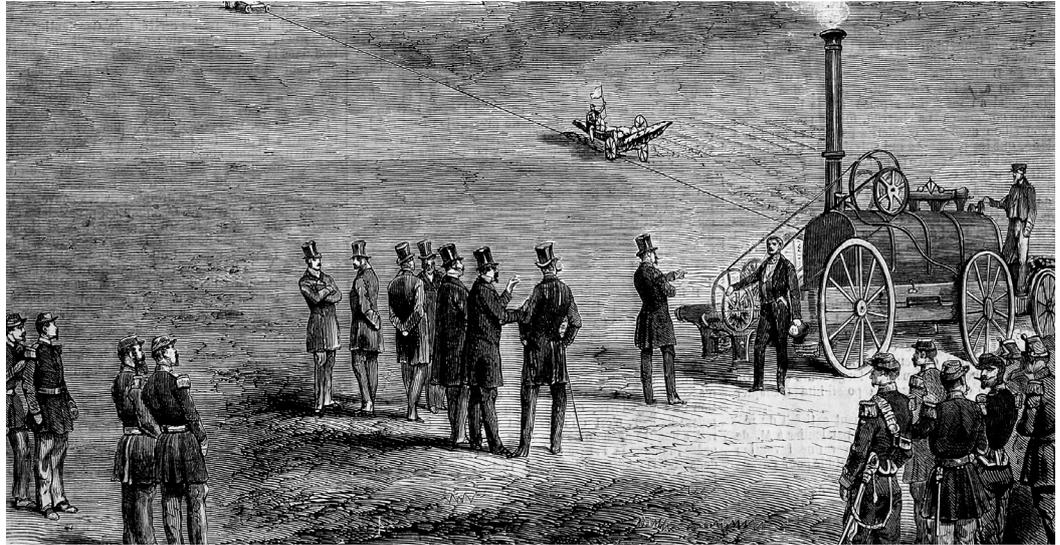
Esse evento histórico causa desordem social e estudaremos como os primeiros povos a enfrentar esse processo resolveram esse problema e como tudo isso afetou o significado do Trabalho.

3.1. PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A fase inicial da Revolução Industrial (Figura 5) é caracterizada pela utilização da máquina à vapor. A energia que movimentava as máquinas era fornecida pela queima do carvão mineral. Os processos ainda são primitivos,

há poucos esforços para a racionalização da atividade em si e dos recursos envolvidos.

Figura 5. Ilustração da primeira Revolução Industrial.



Nessa fase, acontece a transição de uma sociedade de castas para uma sociedade de classes. É o fim de uma sociedade rigidamente estratificada e o início de uma sociedade que permite mobilidade entre suas camadas.

Nessa fase, também se consolida a ascensão política da burguesia, que inicialmente divide o poder político com outras camadas e gradativamente assume o papel de classe dirigente da nova ordem social.

Também é nesse período que mestres, oficiais e aprendizes se igualam, pois a operação das máquinas é simples e pode ser feita por qualquer indivíduo, independente de seu conhecimento ou experiência.

Nessa nova ordem social, as relações entre as pessoas serão determinadas principalmente pela propriedade dos bens de produção ou pela venda do trabalho pessoal. E por causa da ruptura radical da ordem anterior, também será um período de crescente alienação.

Na Primeira Revolução Industrial, as condições de trabalho eram ruins, pois os salários eram baixos, a jornada era longa e os trabalhadores eram obrigados a viver em condições miseráveis. As habitações eram impróprias, não havia seguridade social e os trabalhadores laboravam enquanto sua capacidade física permitia.

Como resultado desta Primeira Revolução Industrial, essa nova sociedade acirrou a luta de classes. Foi crescente o antagonismo de interesses e o choque entre as classes se tornou inevitável.

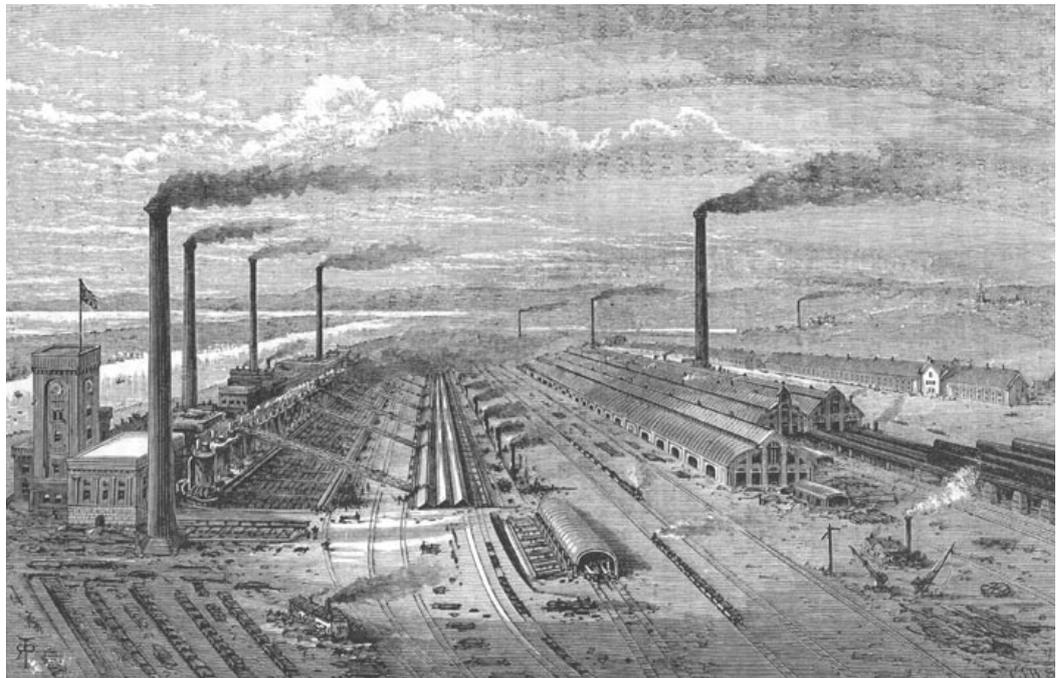
O trabalho assume de vez o significado desenvolvido na época das manufaturas: trata-se de uma tarefa específica e parcial da oferta de um produto. Acrescenta-se a isso uma valorização desse conceito, ou seja, o trabalho ganha importância na vida do ser humano. Ao contrário da visão

medieval, que classificava o trabalho como algo negativo, como castigo, como punição, o trabalho ganha prestígio nessa nova ordem social. O trabalho agora é a única forma de garantir a sobrevivência e por meio dele é possível ascender socialmente.

3.2. SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A Segunda Revolução Industrial (Figura 3.6) foi uma fase na qual o processo de industrialização já estava propagado pela Europa, pela América e pela Ásia. Nesses continentes, pelo menos uma nação estava se industrializando.

Figura 6. Ilustração da Segunda Revolução Industrial. Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Barrow_Steelworks.jpg



Além do carvão mineral, nessa fase outras fontes energéticas foram utilizadas para movimentar as máquinas, incluindo combustíveis líquidos ou gasosos. Destaca-se a introdução e rápida adesão ao uso da energia elétrica.

Nessa fase também houve esforços para racionalizar as tarefas e maximizar o aproveitamento dos recursos. Foi quando surgiu o modelo de produção taylorista-fordista, que será estudado na próxima UA. A burocracia empresarial se acentuou para também racionalizar a administração das empresas.

As empresas ganharam muita importância social, sendo que suas estruturas e funcionalidades serviram de modelo para outros tipos de organização, como o Estado, a Igreja, o Exército etc. Isso consolidou a sociedade de classes, que se tornou mais complexa, pois surgiram subdivisões tanto na camada burguesa quanto na camada proletária. Entre os burgueses, surgiram os acionistas e os dirigentes executivos. Entre os trabalhadores,

surgiram os qualificados, os autônomos, além dos operários de pouca ou nenhuma qualificação.

Essa estratificação complexa da sociedade industrial também representou um resultado da complexidade econômica que se percebeu nessa fase. Além das fábricas, surgiram organizações que realizavam atividades intermediárias para ampliar o escoamento da produção e sustentar o gigantismo de algumas empresas. Surgiram empresas especializadas em comércio e prestação de serviços para atender plenamente o consumidor.

O conceito de trabalho da primeira fase se consolidou e agora tem amparo na educação. A educação foi o instrumento de formalização e controle da mobilidade entre as classes sociais.

4. O SIGNIFICADO DE TRABALHO NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A mais significativa mudança dessa fase é a transição do artesão para o operário. Um perfil de trabalhador, mais autônomo e livre, é gradativamente substituído por outro perfil, mais disciplinado e dependente. E nessa transição também acontece uma gradual separação da força de trabalho e da propriedade produtiva.

O artesão detinha destreza em seu ofício e controlava todo o processo produtivo. Os artesãos não apenas controlavam o trabalho sobre todo o processo produtivo, como também detinham a propriedade sobre os meios de produção.



CONCEITO

As corporações de ofício, ou guildas, eram associações que juntavam profissionais que exerciam um mesmo ofício, propiciavam aprendizagem e assistência aos associados e também regulavam a oferta de seus produtos, exercendo algum controle sobre o fluxo de insumos e de mercadorias.

O operário não precisa ter destreza alguma. Aos poucos, dominar um ofício ia perdendo prestígio e importância na sociedade. Ele não controlava o processo, apenas participava de parte do processo produtivo e muitas vezes ele era percebido como extensão da máquina, ou seja, o operário era mais uma peça que auxiliava no funcionamento do processo fabril. E o operário não detém propriedade alguma sobre os meios de produção e vende sua força de trabalho para quem é proprietário. Essa separação garantiu o controle dos proprietários sobre os trabalhadores, pois quem

não se sujeitar às condições de trabalho oferecidas pelos proprietários, não terá como produzir nem o suficiente para sua própria sobrevivência.

A liberdade possível para o artesão foi substituída pela disciplina imposta ao operário. O trabalho na sociedade industrial foi caracterizado pela disciplina ditada pelas máquinas. O processo fabril determinava o horário e a rotina de trabalho, diminuía o tempo para lazer e reduzia o ser humano a condição de instrumento.

É natural pensar que essa transição não foi tranquila. Houve resistência, muitos conflitos, muitas lutas. Diversos movimentos emergiram, fábricas foram incendiadas, máquinas foram destruídas... Não foi um processo natural, mesmo porque o processo de industrialização rompia radicalmente com uma forma de vida menos rotineira e mais livre.

Mas os capitalistas industriais foram gradualmente controlando os diversos aspectos da vida humana para conseguir recrutar trabalhadores e diminuir essa resistência. A radical divisão do trabalho das fábricas foi determinante para esse propósito, pois, aos poucos, as pessoas perdiam o conhecimento necessário para produzir uma mercadoria e se tornavam mais dependentes dos produtos fabricados. Por exemplo, o ofício de alfaiate não se propagava e gradualmente foi substituído pela indústria têxtil. Assim, aos poucos, as pessoas não tinham mais domínio sobre o ofício e não podiam suprir mais suas necessidades sem que recorressem às fábricas.



ATENÇÃO

A divisão do trabalho começou nas manufaturas, que destinava aos artesãos a responsabilidade de executar tarefas específicas e parciais na elaboração de uma mercadoria, distanciando-os do controle total sobre a produção.

Outra forma dos capitalistas sujeitarem o trabalho à disciplina fabril foi a adoção do trabalho infantil. Crianças e jovens não viam no modelo industrial uma afronta a seu modo de vida e por essa razão se sujeitavam mais facilmente à nova realidade do que trabalhadores mais velhos que ainda carregavam uma bagagem cultural da época em que o trabalho era mais livre e autônomo. O problema é que essa mão de obra infantil não representava a mão de obra mais capacitada e qualificada para a realização das tarefas.

De qualquer forma, nessa nova realidade oriunda da Revolução Industrial, uma nova classe se formava e começava a construir sua identidade:

a classe operária. Aos poucos, laços de solidariedade, comuns em diversas passagens na História da humanidade, começaram a unir os operários. Ao mesmo tempo em que essa união criava forças e condições para mobilizar a classe operária na luta por melhores condições de trabalho, ela também representava o rompimento definitivo com a cultura e o modo de vida da sociedade pré-industrial. A luta operária não representava uma tentativa de retomar o que lhes foi tirado com o processo fabril. Era como se estivessem conformados com a inevitabilidade dessa nova realidade e procurassem nela uma alternativa que propiciasse melhores condições.

Em meio a conformação operária, os capitalistas desenvolveram ações na sociedade que gradativamente substituíam crenças e princípios não econômicos por metas econômicas. Era necessário fazer o operário perseguir o lucro. Isso só seria possível se os interesses pessoais valorizassem mais o consumo de artigos do que uma vida simples. Para substituir o interesse operário por uma renda de subsistência pelo de ganhos individuais crescentes, foi necessário tornar a conquista material uma importante meta de vida. Para que essa substituição de valores se materializasse, os capitalistas se valeram de diversas ações que iam desde castigos físicos, multas, demissões até incentivos financeiros por superação de metas. Era necessário criar um novo modelo de vida, no qual o sucesso e a felicidade de um ser humano seriam medidos pela conquista material, pela quantidade de mercadorias que pudessem adquirir.

O trabalho começa a adquirir mais uma característica contemporânea: ele não será apenas uma atividade humana para prover subsistência. O trabalho será um ideal de vida para o qual se deve dedicar a maior parte do tempo a fim de aumentar suas conquistas materiais. Ele não é apenas uma das inúmeras possibilidades de experiência na vida de alguém. O trabalho assume o papel central na vida humana, tornando-se a essência da própria existência. Outras atividades humanas ou foram ignoradas, ou foram esquecidas, ou assumiram papéis secundários, ou pertencem a agrupamentos especiais ou privilegiados.



ANTENA PARABÓLICA

Você já ouviu falar da Maçonaria? Sim? Não? A Maçonaria é uma entidade contemporânea, nascida numa corporação de ofício medieval, a dos pedreiros franceses. Apesar das Corporações de Ofício não existirem mais como na Idade Média, elas ainda se fazem presentes na atualidade. Não mais controlando o ofício, mas atuando em outras relações sociais.

Sobre essa entidade, cuja origem remonta as corporações de ofício medievais, leia algo mais em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ma%C3%A7onaria> !

Para o ofício de Tecnólogo em Processos Gerenciais, há uma entidade que reúne os profissionais dessa categoria: o Conselho Federal de Administração (CFA - <http://www2.cfa.org.br>). O CFA é subdividido em Conselhos Regionais de Administração (CRAs). No Estado de São Paulo, há o Conselho Regional de Administração de São Paulo (CRA-SP - www.crasp.gov.br). Não é exatamente como as Corporações de Ofício na Idade Média, mas possui algo em comum: contribuir com o aprimoramento da profissão por meio da aprendizagem e assistir seus associados no zelo pelo exercício profissional. Quando concluir o curso, conheça o CRA e entenda a importância de se associar a essa entidade!



E AGORA, JOSÉ?

Nesta Unidade, revisamos a história para lembrar algumas organizações típicas da Idade Média e Moderna. Foram lembradas as Corporações de Ofício, as Companhias Comerciais, as Manufaturas e as Fábricas. E nesta revisão histórica, destacamos a importância das organizações pré-industriais tanto para a ocorrência da Revolução Industrial quanto para o entendimento do significado de trabalho da época.

Essa recordação também contribuiu para o entendimento da formação das atuais organizações modernas.

E, ainda por meio desta recordação, vimos a transformação do significado de trabalho ao longo desse período, uma vez que esse significado foi se alterando desde a Idade Média e, principalmente, no momento histórico da Revolução Industrial.

Você verá na próxima unidade a continuidade desse processo de transformação do significado de trabalho, vendo alguns conteúdos já estudados em outra disciplina com enfoque mais sociológico!

Bons estudos!

GLOSSÁRIO

Antagonismo: é a oposição, ou a rivalidade, ou ainda a incompatibilidade de ideias, sistemas, grupos sociais etc.

Estratificar: é o ato de segmentar ou dividir algo, como uma população, um grupo social etc., segundo um critério ou princípio hierárquico.

Laborar: é fazer, é trabalhar em algum ofício ou realizar alguma coisa.

Ócio: é o repouso, a quietação, o espaço de tempo em que se descansa ou que não se trabalha.

REFERÊNCIAS

DIAS, R. **Sociologia das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2008. 278 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 3 jun. 2010.